

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – PEDAGOGIA****INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC – CNPQ****Bolsista: Larissa Denny Ré****Orientadora: Prof^a. Dr^a. Inês Ferreira de Souza Bragança****PROFESSORAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I E ESTUDANTES EM FORMAÇÃO INICIAL PARA A DOCÊNCIA: DIÁLOGOS, NARRATIVAS E REFLEXÕES PARTILHADAS**

A pesquisa desenvolvida possui como abordagem teórico-metodológica a pesquisa formação narrativa (auto)biográfica, com foco no âmbito da formação inicial realizada no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. O projeto teve, em seu primeiro ano de desenvolvimento, ênfase no diálogo entre a formação inicial e continuada através de encontros presenciais com escolas da rede municipal de Campinas-SP e a relação existente entre alunas do Curso de Pedagogia com as docentes das escolas em que estagiavam. Dessa forma, o estudo e a reflexão sobre a abordagem narrativa (auto)biográfica foi realizada a partir do encontro e da partilha de narrativas escritas por docentes da escola básica e alunas da Faculdade de Educação.

Em sua segunda etapa, de 2019 a 2020, a investigação se voltou para a formação inicial, por meio do estudo de memoriais de formação e de narrativas produzidas pelas alunas do Curso de Pedagogia da UNICAMP durante as disciplinas Pesquisa e Prática Pedagógica e disciplina de Estágio Supervisionado dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O diálogo entre universidade e escola básica teve continuidade considerando à escrita das narrativas pelas estudantes, a partir de experiências significativas vividas com crianças e professoras.

O desenvolvimento da pesquisa se deu por meio da leitura dos memoriais de formação e das narrativas de estágio de um grupo de estudantes, além da participação em orientações coletivas e individuais em conjunto com mestrandos e doutorandos da orientadora Inês Bragança, em encontros com o Grupo de Terça desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (UNICAMP) e com o Grupo Interinstitucional de Pesquisa formação Polifonia (UNICAMP/UERJ). A pesquisa formação esteve presente durante as orientações e encontros ao articular as experiências dos sujeitos envolvidos, as memórias e narrativas partilhadas.

Reflexões Teórico-metodológicas

A abordagem da pesquisa formação narrativa (auto)biográfica oportuniza o relato de práticas docentes cotidianas e um segundo olhar sobre o que foi feito. Rememorar, escrever e partilhar são ações que fazem parte da construção e da transformação da identidade de um/a professor/a. E a autonomia tecida ao protagonizar uma história é imprescindível para o conhecimento de si e para sua formação.

O trabalho docente em sala de aula, os momentos de formação continuada e as conversas entre professores e alunos são espaçotempos de formação e se transformam em experiências. Ao narrar essas experiências, os/as professores/as podem ressignificar suas práticas e ideias sobre a docência e sua vida pessoal. Parar para refletir é um processo para se conhecer melhor, compreender suas atitudes frente às situações e modificar o que for preciso. Passeggi (2010) reafirma tal ideia quando diz que o objetivo da pesquisa (auto)biográfica é perceber como o sujeito dá sentido às suas ações e como toma consciência de sua historicidade.

A produção de narrativas traz contribuições para todos os envolvidos, tanto para os escritores quanto para os leitores e ouvintes. Todos são pesquisadores e investigadores quando partilham a escrita de uma realidade, entretanto, é importante destacar que a narrativa “[...] não é a verdade literal dos fatos, mas antes, é a representação que deles faz o indivíduo e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.” (CUNHA, 1997, p. 2). Por isso, ela é constituída de significados e interpretações.

Trabalhar com narrativas durante a docência auxilia o/a professor/a a perceber que possui um corpo, uma linguagem e uma história. Possui uma vida que tem importância e que deve ser expressa para que todos consigam conhecer o seu modo de olhar para o mundo. Contudo, é possível expressar essas singularidades durante a formação inicial também, pois os/as alunos/as que serão futuros/as docentes devem se permitir refletir e criar questões para além de sua profissão. Devem buscar experiências formativas em suas memórias para compartilharem com o outro e se tornarem os personagens principais de suas histórias. Dessa forma, quando atuarem em sala de aula conseguirão ensinar a partir das histórias de seus alunos e compreender que cada um tem suas especificidades.

Memorial de Formação

Uma das maneiras de trabalhar com a abordagem narrativa (auto)biográfica durante a formação inicial de professores é com a produção de memoriais de formação. Para Passeggi (2008), o memorial pode ser visto como um dispositivo reflexivo-formativo para quem escreve e “é um relato histórico, analítico e crítico [...]” (p. 31). A autora questiona a importância de se escrever sobre a formação e chega à conclusão de que assumir a posição de autor é a principal finalidade do processo de escrita. Ao produzir um memorial há a reflexão sobre sua história e formação, o que pode produzir mudança pessoal e profissional.

Desse modo, os memoriais são essenciais para pensar nos porquês das atitudes, sentimentos e planejamentos com relação à vida e profissão. O escritor é protagonista e o responsável por colocar apenas recortes que fazem sentido para ele, em ordem cronológica ou não. Fernandes, Ferreira e Prado

(2011) afirmam que o memorial possui a possibilidade de transformação e realmente tem, já que o sujeito não escreve apenas para dar sentidos à sua trajetória, mas para investigá-la e tomá-la como fonte de conhecimentos. A questão principal do memorial de formação é notar como a formação humana influencia a formação profissional. A família, os amigos e a escola podem ser responsáveis pelas experiências vivenciadas e pelas escolhas feitas pelo narrador. Logo, o contexto contribui para as transformações que ocorrem interiormente e externamente no indivíduo.

A pesquisa em educação busca uma forma de olhar para o ser humano de maneira que não o transforme em uma simples variável a ser analisada. O foco não é chegar em um resultado estrito ou ter a maior quantidade de dados possíveis, mas sim “representar nossos sujeitos e suas subjetividades de forma qualificada, e estabelecer vínculos significativos com nossos leitores [...]” (FONTOURA, 2011, p. 5). É uma pesquisa que se aproxima do sujeito em estudo e que procura ouvi-lo acima de tudo.

Inicialmente, é necessário compreender como foi desenvolvido o processo de compreensão dos memoriais como fontes de uma pesquisa qualitativa. Para este movimento de estudo, tomamos como referência Fontoura (2011) que destaca as seguintes etapas:

- Transcrição do material coletado;
- Leitura atenta;
- Seleção do que é relevante para o projeto;
- Sinalização de temas a partir dos trechos selecionados;
- E tratamento dos dados, ou seja, a interpretação das fontes.

Entretanto, antes de apresentar os temas selecionados para a pesquisa desenvolvida é importante registrar as propostas de outro autor que discorre, também, sobre a abordagem interpretativa através das fontes (auto)biográficas: José Miguel Marinas (2007, apud BRAGANÇA, 2014). O caminho para a interpretação das fontes é, segundo ele, a compreensão cênica, a qual entende que o relato de vida do narrador é como um repertório de cenas ao invés de uma história linear e cumulativa. A primeira cena, por exemplo, é o encontro entre o narrador e o leitor e as cenas 2 são aquelas que fazem parte do cotidiano de quem narra. Elas trazem consigo sujeitos, marcas e objetos importantes para o entendimento de determinada história de vida, já as cenas 3 são as que foram reprimidas pelo indivíduo, os não-ditos de forma explícita.

Realizamos uma articulação entre os dois autores citados, Fontoura (2011) e Marinas (2007, apud BRAGANÇA, 2014) para desenvolver o estudo e ensaios de compreensão das fontes narrativas.

Os memoriais estudados na pesquisa foram produzidos pelas estudantes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UNICAMP durante a disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica, no segundo semestre de 2017. Josso (2004) utiliza como ponto de partida para a escrita de um memorial a seguinte questão: “O que foi formador para mim no meu percurso de vida?” (p. 162). A professora Inês Bragança, responsável pela disciplina, propôs a escrita do material para questionar as alunas sobre seus processos formativos ao longo de suas trajetórias de vida, o que vai de encontro com a proposta de Josso.

Nesse contexto, a cena 1 foi o momento de produção do memorial pelas estudantes, o desafio de escrita proposto e o encontro de cada aluna com suas histórias. A leitura dos memoriais, fez emergir múltiplas cenas dos cotidianos vividos (cena 2). Por fim, foram selecionados três temas a partir delas: papel da família; experiências escolares; e escolha pelo Curso de Pedagogia.

Desenvolvo no projeto um diálogo entre trechos escritos pelas graduandas em seus memoriais, as temáticas e os referenciais teóricos da pesquisa.

Narrativas (auto)biográficas e o Estágio Supervisionado

A narrativa (auto)biográfica como método de investigação é uma forma de dar significado para as experiências vividas e refletir sobre o desenvolvimento pessoal e profissional do narrador. Para estudar as narrativas produzidas no contexto da disciplina de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, ministrada pela professora Inês Bragança, no segundo semestre de 2019, foi necessário recolher as vozes das alunas. Recolhi as narrativas das mesmas colegas que escreveram os memoriais de formação e que cursaram a disciplina de estágio comigo.

É importante situar que houve a produção de 3 narrativas ao longo da disciplina. A primeira possuía como título “O que vivi”, a terceira “Como estou me constituindo como professora/professor?”, enquanto a segunda não apresentou um título específico. O objetivo central da proposta de trabalho era a compreensão do estágio como *espaçotempo* de *pesquisiformação*.

Logo, esperava-se que as alunas narrassem, partilhassem e refletissem sobre o papel das narrativas e do estágio na formação inicial e futura atuação docente. Ao fazer uma leitura atenta e sensível de cada narrativa, separei temas que apareciam regularmente e observei as semelhanças presentes nas escritas. Com isso, trabalhei também com Fontoura (2011) e Marinas (2007, apud BRAGANÇA, 2014) como caminho de compreensão dialógicas das narrativas. A leitura e seleção dos temas a serem discutidos fez parte dos movimentos de interpretação, bem como os diálogos que registro em minha pesquisa.

Os temas selecionados a partir das narrativas 1 e 2 foram:

- Sentimento de medo e frustração durante o estágio;
- O profissional é indissociável do pessoal;
- Reflexão sobre a prática e sobre si;
- Projetos em desenvolvimento.

E os temas da narrativa 3 foram:

- A frustração permaneceu;
- Narrar, partilhar e refletir;
- Como estou me constituindo professora?
- Estágio na formação inicial.

Conclusão

A formação inicial de professores e a educação, no geral, são formadas por histórias. Histórias individuais e coletivas, as quais entrelaçam trajetórias acadêmicas, profissionais e pessoais. A educação é construída no diálogo, na reflexão e na escrita, por isso, a narrativa (auto)biográfica é fundamental para revelar as experiências dos sujeitos e as aprendizagens trazidas com elas. O objetivo em explorar os memoriais e as narrativas de estágio foi auxiliar na problematização das histórias das estudantes e na ressignificação de seus modos de vida e sociabilidade. As alunas do Curso de Pedagogia da UNICAMP se tornaram pesquisadoras ao investigarem sobre sua formação, sobre si mesmas e sobre suas práticas como estagiárias. Elas realizaram a *pesquisaformação* dentro da universidade e da escola básica, na presença de suas colegas, das crianças e docentes.

Para Passeggi (2008), autobiografar-se – com sentido de aparar, é “ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita.” (p. 27). Eu e minhas colegas de graduação, ao produzirmos nossos memoriais e narrativas de estágio, nos conhecemos melhor e renascemos. Chegamos a conclusões que possivelmente não chegaríamos sem o apoio da escrita. Concluímos que nossas identidades foram criadas pelas nossas experiências e que serão continuamente transformadas pelas próximas que virão. Concluímos, principalmente, que a troca e a partilha são caminhos para nos tornarmos mais resistentes aos conflitos da docência e para nos formarmos dia a dia.

Bibliografia

BRAGANÇA, Inês F. S. Pesquisa-formação (auto)biográfica: reflexões sobre a narrativa oral como fonte e a compreensão cênica como caminho de análise. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA, 6., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: CIPA, 2014.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!**: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997.

FERNANDES, C. H., FERREIRA, C. R. e PRADO, G.V.T. Narrativas pedagógicas e memoriais de formação: escrita dos profissionais da educação? In: **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 143-153. Set./Dez. 2011 – Jovens, territórios e práticas educativas.

FONTOURA, Helena Amaral da. Tematização como proposta de análise de dados da pesquisa qualitativa. In: FONTOURA, H. A. da. **Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa**. Niterói: Intertexto, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). **Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI; SILVA (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.